

## Viva o general

Passadas 72 horas da crítica do general Euclides Figueiredo ao Congresso, ao governo e aos meios de comunicação, por complacência ou conivência com o comunismo, não se leu um só elogio a este soldado em quem as Forças Armadas depositam tanta confiança intelectual que a ele entregaram a orientação da Escola Superior de Guerra. Trata-se, pois, de um general dotado não apenas de estômago incomum, pela capacidade, que há tempos proclamou, de engolir sapos criados nas urnas, como o governador Brizola. Há de ser também uma cabeça incomum no seu meio.

Daí que a falta de apreço para com suas palavras não seja apenas uma injustiça, mas também a parcialidade que comprova o diagnóstico do general: "Estamos vendo uma forte atuação do pessoal de esquerda em vários setores, principalmente nos meios de comunicação". Mas não em todos, general, que sempre haverá por aqui quem se disponha a reparar injustiças e parcialidades contrárias aos que levam o céu nos ombros e, pelos peitos abaixo, as provas em tecnicolor da bravura nos campos de luta (não confundir com luta pela vida, que isso é coisa de paisano e quase sempre com reivindicações de justiça muito suspeitas).

Para o leitor a quem faltou a oportunidade de ler a entrevista do general, informa-se que sua sugestão é taxativa ante a legalidade concedida pelo Congresso e reconhecida pelo governo aos partidos comunistas: "Nós não deveríamos aceitar os partidos clandestinos porque eles não são democráticos. Vamos pagar caro por isso". Se não deveríamos aceitá-los, a proposta do general, que ao contrário dos esquerdistas é um democrata, obviamente conduz à proposta de eliminá-los. O que, aliás, fica mais claro com a recusa do general à possibilidade de conviver, na democracia, com os comunistas: "Não, inimigo é inimigo, sempre foi". Seguiram-se os comentários sobre os meios de comunicação, já mencionados, e a esperança de que a Constituinte tenha bom senso. Isto é, faça uma Constituição direitista.

Ainda mais do que elogio, este general Figueiredo, irmão daquele,

merece agradecimento. Quando se diz que lá dentro não poderia ter havido, em tão pouco tempo, a metamorfose democratizante apreçoada pelos meios de comunicação (muito infiltrados, não esqueçam), esta constatação é recebida como um toque de pessimismo absurdo a meio do conto da Carochinha. Pois já não é qualquer dos infiltrados que o diz, é o general comandante da Escola Superior de Guerra que o prova, ainda por cima invocando, para eliminar quaisquer dúvidas, a doutrina iluminadora do pensamento militar (deixa pensamento mesmo, que o momento é de elogios).

Com tantas ilusões impressas sobre o novo regime, é como diz o general: "Ainda vamos pagar caro por isso."

### Autor e desautores

Revela o presidente Sarney que está concluindo um romance, a ser em breve entregue à edição. Eis aí uma face de fato respeitável em José Sarney, não importam os resultados passados ou futuros: sua fidelidade à busca da realização literária.

Ainda que por interferência da fatalidade, Sarney inclui-se, hoje, entre os raríssimos políticos que realizaram o sonho imensurável que a todos eles impele — a posse do mais alto, mais incontestável poder. E, no entanto, aí está Sarney buscando o reconhecimento para um simples romance, o Presidente ambicionando algum reconhecimento para o autor, como tantos autores em busca de algum reconhecimento.

E como ficam ainda mais ridículas, diante da dedicação deste Presidente a escrever o seu papel, bajulices como esta do loquaz assessor Luiz Paulo Rosemberg: "Parece que o Presidente não tem tempo a não ser para buscar fórmulas que solucionem os enormes problemas que encontram".

Ou esta outra, há pouco assinada em uma primeira página: "Agora que o novo presidente civil, José Sarney, trabalha dezoito horas por dia, inclusive aos sábados, os assalariados fazem greve para trabalhar menos". Bem, neste caso o ridículo bajulatório compete com o oportunismo reacionário. Mas a negação do autor Sarney é a mesma.